

## Daniel Everett

Em Maringá para evento na UEM, o linguista americano falou sobre comunicação e a vivência com os pirahãs, tribo indígena do Amazonas  
"Nós precisamos de diversidade, isso enriquece nosso mundo"

Por trás da fala serena, Daniel Everett, 63 anos, esconde a energia que tem quando começa as suas aulas – falar alto é somente uma das características que se destacam. Quem o vê pode não imaginar a quantidade de experiências que carrega na memória: uma delas é da vivência como missionário por sete anos entre os pirahãs, tribo que vive próxima ao Rio Maici, no Amazonas.

Foi por causa deste trabalho desenvolvido no Brasil nas décadas de 70 e 80 que o americano ficou conhecido em todo o mundo. A língua da tribo vai além da comunicação: é um estilo de vida, que ele classifica como sofisticado. Resumidamente porque eles têm uma visão diferente de mundo – não se preocupam com o passado ou futuro, não utilizam números ou orações subordinadas à fala. A partir dessa vivência, Everett, que chegou à aldeia como missionário, tornou-se ateu. Os pirahãs só acreditam em experiências que vivenciam, e isso o fez refletir sobre a religião. No Brasil, ele foi o primeiro a defender doutorado em Linguística na Universidade de Campinas (Unicamp).

Linguista e etnólogo, atualmente Everett é professor na Universidade Bentley, em Boston, onde também vive e se apresenta esporadicamente nos bares próximos da instituição para os alunos, tocando blues. Autor de várias publicações sobre linguagem, ele está finalizado mais um livro, "O Material Obscuro do Cérebro", que deve ser lançado no ano que vem.

O professor palestrou em um evento internacional da Universidade Estadual de Maringá (UEM), realizado nesta semana. Entre os contatos com a cultura local, com a MPB e o sertanejo, Everett recebeu a equipe de O Diário no hall do hotel onde ficou hospedado para falar sobre as diferentes formas de comunicação, e lembrar de que forma a experiência com os pirahãs mudou sua forma de pensar.

P.— O Brasil é um País que reúne muitos sotaques, dialetos e gírias, que representam a cultura de cada localidade. Como nascem essas diferenças?

R.— O princípio geral é de que nós nos identificamos como as pessoas com quem falamos. Se eu falo só com pessoas de uma geração, um estado econômico ou região, nós vamos naturalmente nos identificar falando um pouquinho diferente. Na Europa, cada vez que você encontrar um rio grande ou montanhas, do outro lado vai ter uma outra língua. Quase todos começaram do latim ou do protogermânico, mas atravessando fronteiras você também atravessa fronteiras linguísticas, porque cada grupo é um grupo de falantes. Eu pronuncio minhas palavras como as pessoas que conversam mais comigo, é automático esse ajustamento: se eu aprender português no Sul, vou falar diferente do que se tivesse aprendido no Amazonas. Não porque as pessoas são geneticamente diferentes, mas porque é uma função natural do grupo.

P.— O conceito de aldeia global afeta de que maneira a nossa forma de nos comunicar?

R.— Em termos de falar, nós começamos a adotar gírias das línguas encontradas nos filmes. O inglês tem uma grande influência por causa dos filmes: as pessoas passam a usar as expressões no dia a dia. Mais que isso, transmite valores: nossa concepção de amor vem mais

dos filmes que da nossa própria experiência. Ou uma mistura das duas coisas. Os valores mudam: quando a televisão entra em lugares pobres, o índice de felicidade cai. As pessoas ficam frustradas porque antigamente não tinham noção de pobreza, e agora assistindo televisão, sabem que são pobres. Se a pessoa tiver comida suficiente, roupa suficiente, lugar para ficar, não se sente pobre. Quando fica sabendo que outra pessoa tem muito mais comida, casas grandes, sente-se pobre. O ser humano precisa de diversidades étnicas, linguísticas, gastronômicas, em profissões, e um dos problemas com a globalização é justamente a eliminação dessa diversidade tão saudável para o ser humano como espécie. As línguas são soluções culturais para problemas de comunicação naquelas culturas.

P.— O linguista americano David Harrison disse que 40% dos idiomas existentes hoje correm risco de extinção. O senhor concorda? Quais fatores contribuiriam para isso?

R.— Conheço o David! E concordo! São vários fatores: por exemplo: no Amazonas, há a ameaça de extinção das línguas não porque os povos estão morrendo, mas porque seus filhos não estão vendo necessidade econômica de falar a língua dos pais. É como está acontecendo nos Estados Unidos: 157 grupos indígenas já perderam ou estão perdendo a maioria dos falantes abaixo de 50 anos. Os filhos querem trabalhar na cidade, e não mais na reserva – falar a língua na reserva é útil, mas em Los Angeles, não. Outro motivo é que alguns estão realmente ameaçados de extinção, como a língua mamaindê, de Rondônia, que tem pouquíssimos falantes – todos eles falam, é uma língua importante para eles, mas eles estão morrendo. A língua panauã, que eu também trabalhei, tem 79 falantes. Já estão sentindo a extinção do povo, o que afeta psicologicamente todo o falante da língua.

P.— Dizem que a língua portuguesa é uma das mais difíceis do mundo. O senhor concorda?

R.— Acho que toda língua é superdifícil de aprender, não existe nada mais complicado. Só que quanto mais distante da nossa cultura, mais difícil é. Português é distante das línguas germânicas, mas chinês é mais longe ainda, as línguas africanas mais ainda... No alemão, eles têm capacidade de colocar muitas informações em uma palavra só. O inglês veio da mesma língua, mas por mudanças culturais, perdeu isso. O que faz, mesmo sabendo todas as palavras, com que se fale a língua de forma diferente são certas distinções que somente o falante nativo sabe fazer. O "ser" e "estar" complicam a vida dos americanos que estão aprendendo português, porque em inglês não há essa distinção. Lembro quando estava aprendendo português, quando morava em Campinas, e na época o Guarani ganhou o campeonato de futebol. O locutor disse "o Guarani é o melhor time e está o melhor time". Eu não entendi. Como é que pode ser e estar na mesma hora? Mas é porque é uma questão não só de gramática, mas de como eu posso perceber as situações.

P.— O senhor foi para o Amazonas em 1977 e viveu sete anos com os pirahãs. Quais foram os principais aprendizados que tirou dessa experiência?

R.— Aprendi muito. Quando fui morar lá minha filha maior tinha seis anos, e o meu filho, nove meses. Hoje ele é professor de antropologia na Universidade de Miami e comenta essa experiência. Eu falo para eles: por que vocês falam comigo? Do jeito que eu criei vocês, não deveriam falar comigo. E eles dizem "não, são as nossas melhores memórias." Minhas filhas saíam com as garotas pirahãs de canoa pela manhã e voltavam somente a noite. Elas cantavam, faziam colares, imergiram mesmo na cultura deles. As pessoas que me conhecem bem sabem que algumas vezes eu sou uma pessoa nervosa, e quando me viam na aldeia, ficavam surpresos como eu estava tranquilo. Depois de vários anos como professor, eu começo a falar em voz alta pela empolgação, e me perguntam: "você está bravo?" Eu refleti um pouco sobre a maneira de se expressar. No inglês, e no português também, as pessoas não aguentam ficar muito tempo em silêncio. Se um estiver sentado de frente para o outro, sentem a necessidade de falar alguma coisa. Os pirahãs, não. Se não houver alguma novidade, não

precisam conversar o tempo todo. Na época não havia internet, telefone ou rádio. Lá a gente tinha querosene e lamparina, eu lia para meus filhos durante a noite. Lembro que, em 1980, depois de quase um ano na aldeia, a primeira coisa que eu li foi a revista Manchete com a foto de John Lennon, que estava morto. Eu quase chorei. Eram tantas coisas acontecendo, e não estávamos conectados.

P. — Houve choques culturais por parte deles também?

R.— Lembro de uma vez que levei um pirahã para Brasília, ele precisava fazer uma cirurgia, era na época do presidente João Figueiredo. Chegamos e o presidente estava em um desfile. Eu disse: "Olha, esse é o chefe de todos os brasileiros." O pirahã virou para mim e disse: "Legal, onde tem comida?" (risos). Foi a primeira vez que ele saiu da aldeia. De repente estávamos voando de Porto Velho (RO) para Brasília, e no avião ele tomou guaraná pela primeira vez. "Eu quero muitos desses!", ele disse (risos). Chegando em Brasília, a primeira coisa que ele notou foi a falta de árvores: ele nunca tinha visto um lugar habitado por seres humanos sem árvores.

P.— Inicialmente, você teve dificuldade para aprender a se comunicar com a tribo. Foi quase um ano para isso. O que fez com que não desistisse?

R.— Poucos falam português, e os que falam, são palavras em português com a gramática pirahã. Cada vogal tem tom alto e baixo, e eles pronunciam português do mesmo jeito. No início não dava para saber se eles estavam falando português ou pirahã. Fui no início como missionário, para traduzir a Bíblia na língua dos pirahãs, o que eu digo hoje que é impossível. Não que eles não sejam capazes intelectualmente, mas a única maneira de fazer isso seria levar todos a Israel e deixá-los descrever. Depois, foi a ciência e o meu amor pelo povo. Nós ficamos muito doentes, eu peguei malária muitas vezes, febre tifóide, minha esposa da época quase morreu de malária, minha filha pegou malária. Muitas vezes ficamos 100% dependentes dos pirahãs. Estávamos tão doentes que não podíamos sair da aldeia. Lembro de uma vez estar sozinho, desanimado, e um pirahã disse: "Daniel, você está só comendo carne de lata, não está nem se alimentando", e eu disse que não tinha ânimo para cozinhar. Eles trouxeram então muita comida preparada para mim, conversaram muito comigo, e isso me fez muito bem. O ser humano precisa de outro ser humano, e eles me ajudaram muito nesse momento que eu passei. As relações são formadas por experiências pequenas durante muito tempo envolvidas e associadas com emoções. Na minha família, quando estamos juntos conversando, alguém sempre faz alguma referência sutil ao tempo dos pirahãs, e todos nós rimos, porque foi algo muito bom. Eu nunca havia feito nada semelhante na minha vida.

P.— O modo de vida deles, apontado por você como um jeito sofisticado de se viver, vem da ausência de preocupação. Em outras culturas, é comum resgatar o passado, encontrar um objetivo pelo qual viver e responder os anseios de uma sociedade que nos cobra tanto...

R.— É o princípio de experiência imediata. Eu falo das coisas que vi, que ouvi falar de alguém que viu, das coisas que estão acontecendo agora. Eles não têm lendas, histórias do povoamento da área como muitas outras tribos têm, não tem mito de criação, de Deus supremo, não existe essa necessidade para eles. Eles sabem quem são os pais, quem eles são, o que precisam fazer e como falar com os outros. Então tudo o que eles precisam eles já têm. Não precisam procurar no passado, e se eu perguntar para um pirahã como será o filho como crescer, ele pode dar uma resposta, mas no geral não é algo que eles gostam de falar. Quem sabe? Não faz sentido falar sobre isso.

P. - No evento da UEM você falou sobre o papel da cultura na emergência da linguagem. Qual é esse papel?

R. - Há duas perspectivas sobre a origem da linguagem. Uma é que a linguagem, pelo menos a gramática, seja inata e saia do genótipo do ser humano. Minha perspectiva é diferente. É de

que o ser humano tem certas bases emocionais, mas em geral é um ser cultural. A cultura é mais antiga que nossa espécie – outras espécies tinham cultura. O intercâmbio entre duas pessoas estrutura a linguagem, e esse intercâmbio varia muito de cultura para cultura. É claro que haverá muitas semelhanças entre as línguas do mundo porque se tem as mesmas restrições. Por exemplo: não posso falar duas palavras ao mesmo tempo, e as palavras que são mais relacionadas em termos de significado ficam mais próximas na oração. Nós podemos ver isso como gramática independente ou como algo emergente dos valores culturais. A estruturação, os gestos... Tudo é afetado pela cultura, e a linguagem surge em função dessas relações.

P.— A dominância de algumas línguas, como o inglês e o mandarim, tende a prejudicar estas relações?

R.— Nós precisamos de diversidade, isso enriquece o nosso mundo. Por outro lado, temos uma pressão econômica. Seria ótimo se todos falassem a mesma língua no sentido de se compreender, mas uma língua é como uma biblioteca, um depósito de todo o conhecimento de um povo. Quando perdemos uma língua, perdemos como espécie esse conhecimento. Sempre houve línguas dominando os outros: primeiro o grego, o latim, o português, o francês, hoje o inglês e amanhã pode ser o chinês, o japonês. Os efeitos são menos ruins se as pessoas mantiverem suas línguas nativas. Não gosto de ver nos Estados Unidos filhos de imigrantes não falando a língua dos pais. Falam somente o inglês porque os pais querem a integração completa na cultura americana. Essa integração pode existir, sem que se abra mão de aprender a língua nativa. Quando eu morava na fronteira com o México, meus amigos falavam um inglês perfeito e o espanhol perfeito também. Eu ficava com muita inveja. Isso me influenciou muito como linguista.



**CULTURA.** Linguista e etnólogo, o americano Daniel Everett comenta a extinção de algumas línguas, apontando a falta de interesse das gerações seguintes em continuar aprendendo. —

**FOTO: JOÃO CLÁUDIO FRAGOSO**